



A volta ao Portugal regional do ministro euromilhões

Poiares Maduro escolheu empresas de sucesso para ilustrar os programas dos fundos comunitários do Portugal 2020 que está a lançar pelo país. É grande a pressão para fazer entrar o dinheiro na economia a tempo de mostrar números para as eleições

Reportagem
Maria Lopes Texto
Rui Gaudêncio Fotografia

Os 22 graus do sol a pique da uma da tarde aguçam o cheiro da terra xistosa e das giestas a rebentar. No relvado da Quinta das Covas, uma unidade de turismo rural que pertence ao grupo A. Montesinho, dono da Bísaro Salsicharia Tradicional, em Gimonde, Miguel Poiares Maduro petisca e fala de presunto.

O ministro veio até Gimonde, entre Bragança e a fronteira, para inaugurar a remodelação e expansão da salsicharia Bísaro, que recebeu 230 mil euros dos fundos europeus e tem mais projectos à espera de aprovação. Passara por aqui há um ano, prometendo voltar. No fim da visita, recebeu novo convite, para a matança do porco, lá para o final do ano. Galgou os 530 quilómetros desde Lisboa para mostrar os bons exemplos do empreendedorismo das PME dos chamados territórios de baixa densidade. É para estes que os fundos do novo quadro se querem voltar preferencialmente. Daí que tenham um envelope próprio e uma majoração nos subsídios.

É a competitividade inteligente que tem que ser apoiada, porque faz a soma perfeita da valorização dos recursos com o conhecimento, a inovação, o empreendedorismo e as actividades tradicionais – ou como colocar num discurso pomposo de ministro a forma como milhares de pequenos empresários e comerciantes tentam sobreviver por todo o país.

Poiares Maduro não ouve ou finge não ouvir: uns passos atrás de si, cinco homens de fato e gravata, sotaque cerrado, discutem a Segurança Social de Passos Coelho. “Ele não está a tirar da reforma dele, está a tirar da minha e da sua e dos que recebem agora. Se fosse você a não pagar, o que lhe acontecia?”, perguntava um deles a outro, que relativizava: “Até o homem tem direito a falhar”. Poiares Maduro trinca mais um

pedaço de alheira assada e de febra. Há fotografias discretas ao ministro – ou pelo menos ao grupo, onde o governante quase se perde em altura – com telemóveis.

Daí a pouco, haveria de ser questionado pelos jornalistas sobre o assunto e reiterou elogios ao chefe do Governo. “Eles fazem o trabalho deles, eu faço o meu. Faz parte do jogo”, responde o ministro ao anfitrião, que brinca com a tarefa “difícil”.

Ao almoço, cabe-lhe o lugar que os noivos costumam ocupar quando ali se celebram casamentos. Não se nega à mesa farta, tal como o padre Sobrinho, o comandante Pires Sá, da GNR, os presidentes da câmara e da junta e alguns empresários das redondezas. Prova o caldo de casulas (feijão), o butelo de Vinhais, várias carnes de bísaro grelhadas e o leitão. E depois os doces.

Na pequena fábrica no meio da aldeia, entre salas de corte, de enchimento de chouriços e paio, secagem, cura, o ministro pergunta, espreita e mexe nas alheiras de Vinhais DOP, que irão seguir para as prateleiras *gourmet* do hipermercado quando a máquina à estreia que as embala aceitar trabalhar sem falhas.

Ao mesmo tempo, vai ouvindo Alberto Fernandes dar explicações sobre o salpicão, o butelo, o paio, o lombinho. E até a razão para a perna direita do porco ser a mais saborosa para o presunto. “Não faça leitura política, mas eu também durmo mais para a direita. Mas sou muito moderado”, ri-se Poiares Maduro.

Depois da bênção do padre, os

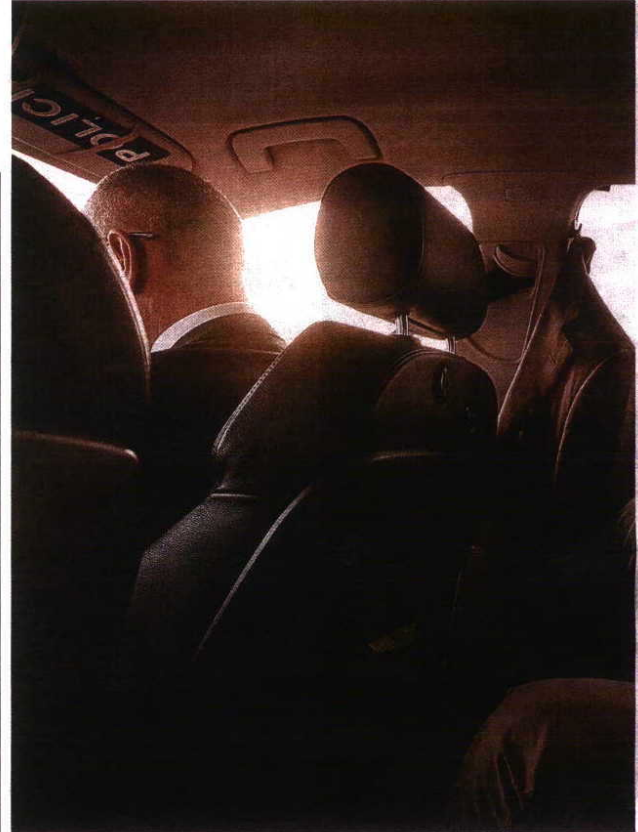
O ministro garante não estar a trabalhar para as eleições. Estas são daqui a sete meses, os fundos estão programados para sete anos

convitados ouvem Alexandrina, a jovem que agora conduz o negócio com o irmão, ler a história da empresa familiar com 80 anos. Do alto dos seus saltos vertiginosos e vestido preto curto de folhos, a jovem emociona-se ao falar da família e há um embaraço notório em quem a ouve. Fala da ligação ao Politécnico de Bragança, dos seus empregados jovens e licenciados, da investigação de uma empresa suíça, dos ganhos na exportação.

Não há como negar a escolha da visita: a Bísaro assenta como uma luva no que Poiares Maduro diz querer dos beneficiários do próximo quadro de apoio. É preciso potenciar os produtos que já existem no território e acrescentar-lhes valor, para concorrer no mercado com base na excelência e ajudar toda a cadeia de valores a crescer. E, pelo caminho, ajudar especialmente os territórios de baixa densidade. Para contrariar a tendência de o Estado investir em empresas estrangeiras que chegam numa semana e facilmente partem na seguinte para outro lado onde os salários são mais baixos.

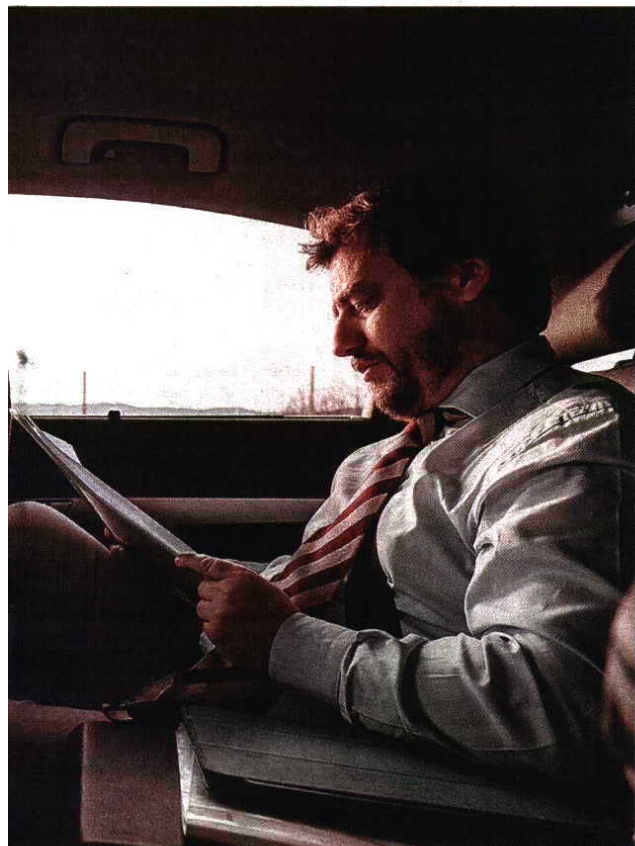
Os argumentos são do ministro, que não se cansa de os repetir seja à porta de uma salsicharia, dentro de um carro no meio da auto-estrada a uma jornalista, numa entrevista à RTP ou ao Porto Canal, ou num enorme auditório apinhado com mais de 4000 pessoas no Europarque. O Governo pode ironizar sobre a *cassette* do PCP, mas também tem as suas.

Depois de Gimonde, é tempo de estrada, com o acelerador a fundo, rumo a São João da Madeira. No meio da serra, Poiares Maduro queixa-se das curvas da A4, sem se lembrar que o túnel do Marão ainda está em obras. Antes da entrevista na RTP ainda há tempo para uma corrida pelo parque urbano de São João da Madeira. Vinte minutos apenas, que o joelho do ministro anda a dar sinal, lamentou-se logo ao segurança. Este percebeu o recado. Cinco minutos a estugar o passo, dez de corrida e outros cinco para acalmar o batimento





**Poiars
Maduro andou
pelo Norte
para dar
visibilidade
a projectos
em territórios
de baixa
densidade**



cardíaco. A noite termina com uma caminhada de 20 minutos pelo centro de São João da Madeira, com o seu secretário de Estado Castro Almeida como cicerone, para lhe mostrar obra de 12 anos enquanto presidente da câmara local. Mas antes foi tempo de jantar no restaurante Homenagem, com direito a passagem pela cozinha.

Depois do Algarve e do Alentejo, é dia de lançar o Norte 2020. Pela manhã, o Europarque está à pinha. O ministro passa despercebido no meio de tanto fato e gravata. "Eu digo-te uma coisa: sabes o que é que isto parece? O congresso de um partido", aponta um empresário com folhetos numa mão e um bolinho de canela na outra.

Estranhamente, não tem havido responsáveis do Ministério da Economia a acompanhar estas iniciativas e na Horta Seca ninguém se arrisca a falar do Portugal 2020, apesar de estarem em jogo 25 mil milhões de euros. Poiars Maduro recusa estar a roubar o palco ao gabinete de Pires de Lima e argumenta que agora, ultrapassada a fase da programação, que é sua tutela, "haverá mais economia". O novo Banco de Fomento já tem 1,5 mil milhões previstos em linhas de crédito.

Ostensivamente afastado da sua tarefa de coordenar a comunicação e a política do Governo, Poiars Maduro assume o papel primordial de gestor do Portugal 2020. Questionado sobre a responsabilidade de ter nas mãos o único instrumento para o Governo brilhar nos indicadores económicos até às eleições, diz não estar a trabalhar para as eleições porque os fundos não estão a ser programados para sete meses, mas para sete anos. A intenção do Governo é fazer entrar este ano na economia 4 mil milhões, mas apenas mil milhões serão já do Portugal 2020. O resto é o final da execução do QREN. É uma corrida contra o relógio das legislativas de Setembro, esta de fazer entrar o dinheiro na economia, mas o ministro recusa sentir-se pressionado e admite que os efeitos só se sentirão daqui a uns anos. No entanto, quando Poiars Maduro sai à rua com a bandeira dos fundos, sabe que tem que apressar tanto o programa como a força com que o seu motorista Alexandre Meireles carrega no acelerador na auto-estrada.

